



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

FRANCISCO MARTINS SARMENTO. REMINESCÊNCIAS LONGÍNQUAS.

MARGARIDE, 2.º Conde de

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

MARGARIDE, 2.º Conde de, Francisco Martins Sarmiento. Reminescências longínquas. *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 28-31.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Francisco Martins Sarmiento

REMINISCENCIAS LONGINQUAS

BRINQUEI com elle em pequeno. Já então as outras creanças o rodeiavam como centro imprescindivel. Da-va-lhe esta preeminencia a sua superioridade nos jogos em voga entre o rapazio, a travessa imaginação com que variava os folguedos, e a sua aptidão em confeccional-os. Ninguem talhava melhor um balão; ninguem se lhe avantajava em pôr uma estrella de papel a navegar no ar; ninguem com mais arte phantasia-va e utilisava uma armadilha á passarada.

Era pelos tempos da Maria da Fonte. A cada passo os montes repercutiam o tiroteio das povoações em motim. Como de costume, os pequenos arremedavam os grandes. Francisco Martins Sarmiento engenhou umas settas com que se armou a si e aos seus companheiros. Começou o preparativo bellico por atirar ao alvo. Todos atiravam, mas a maioria podia, ao entrar no certamen com elle, parodiar os gladiadores romanos, exclamando: «os que vão ser vencidos te saudam».

Já então lhe denunciava o espirito investigador a paciente attenção com que espreitava os costumes dos pequenos animaes ao seu alcance. N'aquelle habitual irrequietismo abriam parenthesis, ás vezes longos, de estudioso socego: uma aranha descasulando-se apressadamente para ir fio abaixo cevar-se na mosca envolvida na têa; ou uma multidão de formigas carreando provisões para o inverno; ou alguns passaros palestrando de arvore para arvore, em cantigas pelas quaes elle os conhecia a todos, distinguindo o noviço do mestre, e descortinando n'elles muitas curiosas particularidades, á custa de aturadas observações surprehendidas.

Momentos felizes que tão ligeiros se escoam, mas que, como feições de mortos queridos, ficam sempre um por um fixados no coração!!

Encantadora idade de não cuidar delicioso, mais tarde agro-doce prazer dos que no occaso da vida se voltam a olhar retrospectivamente para a aurora que a saudade lhes representa em miragem, como, em regra, as miragens, risonha emquanto o gelido sopro da realidade a não desfaz.

A intelligencia que lhe madrugou nos brinquedos infantis acompanhou-o nos estudos que se seguiram. Aos quinze annos completava com applauso dos professores os preparatorios para a Universidade e aos vinte estava formado em direito sem embargo da ordenança em contrario. Em Coimbra passava os dois terços do tempo devorando avidamente quantos livros de litteratura podia haver á mão. Á sebenta tambem não recusou

um lugar, mas dava-lh'o como a crédor implacavel que pede impacientemente uma divida; o que não obstou á conclusão do curso, sem soffrimento de desar nem necessidade de empenhos.

Apenas formado, editou um volume de poesias, elogiadas por quantos o leram. Estes, porém, foram poucos, porque, apenas distribuida por alguns livreiros uma porção de exemplares, o auctor recolheu-os todos, sem sequer deixar circular bem a noticia da nova publicação.

Muitas, talvez as melhores, d'aquellas poesias sabiam a retalhos d'um d'esses dramas intimos onde, ora gemendo, ora tropejando, se debatem sentimentos em lucta, só bem comprehendida pelas almas que lhes são arena. Se as apparencias não illudem, a subitanea revocação do livro seria — quem sabe? — a restituição á estufa de flôres, se formosas no recato do seu abrigo, demasiado sensiveis ao arejo de fóra.

Mas mysterios cobertos por cruces funerarias são sagrados, e aos que ainda peregrinam para áquem da campa, não é licito sequer tentar devassal-os.

*

Como diversão a trabalhos de maior folego, escreveu Sarmiento, longas temporadas, folhetins e artigos de polemica, que apesar de não assignados o delatavam pelo espirito e pela linguagem. Infelizmente, estamparam-n'os periodicos locaes, pouco lidos, e por ninguem, que eu saiba, colleccionados, o que me abandona ao recurso, sempre fallivel, da memoria.

Nas suas primeiras series de folhetins, figura uma como viagem dentro em Guimarães d'um *touriste*, acompanhado d'um *cicerone* ingenuo. Incitavam ao genero as *Viagens na minha terra*, de Garrett, e a *Viagem á roda do meu quarto*, de Xavier de Maistre, então muito entre mãos dos estudantes.

Lembra-me ainda, e já lá vai quasi meio seculo, que ao passar na Senhora da Guia, o *cicerone* chamou a attenção do *touriste* para a cruz de pedra erecta alli á direita da capella.

Nada tem de notavel a cruz; mas da peanha destaca-se o alto relevo d'uma Nossa Senhora com Christo nos braços, tendo em frente, ajoelhado a seus pés, um frade, sobre o qual se bordou a lenda seguinte:

(Sem o folhetim á mão, exprimo por palavras minhas a impressão que me ficou).

Em tempos ha muito idos existia um frade, geralmente reverenciado. Um unico individuo se afastava do geral acatamento, chegando, com escandalo da grey devota, a nem sequer tirar o chapéo a tão religioso varão. Julgou-se o frade affrontado, e, jurando vingar a affronta, mandou-se esculpir n'aquella piedosa postura em plano inferior, fronteiro á Virgem. D'esta fórma, vergado, de joelhos, com as costas voltadas para a rua, o que a curvatura lhe salientava offerecia-o aos desbarretamentos do seu desrespeitador, que, forçado a descobrir-se perante os symbolos divinos, teve de prestar a logar menos nobre do frade as honras que lhe recusou ao rosto.

No decurso d'este passeio, por meio do dialogo entre o *cicerone* e *touriste*, passou em revista historica e critica toda a cidade.

*

Na polemica jornalística não valia menos F. Sarmiento.

N'esta especialidade, começou a pôl-o em evidencia um caso triste occorrido ali por 1854 ou 1855, mais anno, menos anno.

Uns dois ou tres soldados do batalhão de caçadores 7, aqui aquartellado, fizeram umas quaesquer avarias no campo d'um lavrador, respondendo aos ralhos d'elle com motejos provocadores. A desforra foi uma pancada, puxada tão de vontade, que deixou um dos soldados em misero estado. Chegada a noticia ao quartel, a soldadesca, como era natural, quiz vingar o camarada. Sae de roldão do quartel, invade a casa do lavrador, quebra quanto lá encontra, mas o principal, o proprio lavrador e a familia, onde iam elles?!

Furiosos com o mallogro da vingança, os soldados no regresso insultaram quantos paisanos encontraram, espancando alguns.

Esperava-se do coronel commandante uma providencia de repressão ordeira. Mas, pelo contrario, este

deu calor aos seus subordinados, e a indisciplina continuou, embora menos brava. Por seu turno um alto personagem com grande roda na localidade, acolhia benevolmente o irregular procedimento do commandante, animando-o com o seu apoio moral, determinado mais por velhos prejuizos em que tropeçava do que por impulso de má indole, que não tinha.

D'entre o geral silencio imposto pelo terror, surdiu F. Sarmiento, verberando n'um jornal impiedosa e inexcepcionalmente os auctores e fautores da selvageria.

Um rapaz, ha pouco sahido dos bancos escolares, a arripiar com tal audacia vetustos respeitos consagrados, levou o espanto a quasi todos, indignou muitos, e entusiasmou alguns.

Desencadearam-se as ameaças, mas cada uma era novo combustível a augmentar o fogo na imprensa.

Travou-se, rija, a polemica jornalística; mas cedo os antagonistas de Sarmiento reconheceram a impossibilidade de se medirem com elle.

A energia salpicada de graça mordente dava-lhe indiscutíveis vantagens.

Uma amostra.

Da pleiade dos embuçados defensores do personagem a que atraz alludi, um entresachou n'um artigo, aliás revelador de habilidade, esta campanuda phrase, muito ao gosto d'aquelles tempos de dominio da rhetorica.

«Mas que importa á aguia que se livra, altaneira, nos ares, a baba do sapo rastejando cá em baixo?»

Resposta:

«A defeza que compara a uma ave de rapina o cliente não deve deixar este nada lisongeadado.»

Repito: na falta do primitivo texto vaso a idéa, que me ficou, em molde meu.

As esporas de ouro, ganhas n'esta campanha, deram, por muito tempo, fóros de quasi invulneravel a Francisco Sarmiento entre os periodiqueiros da terra.

Um d'elles, porém, a quem força é confessar viveza e desembaraço, que o tornariam de algum valor, se os acompanhassem uma correspondente educação litteraria, lembrou-se um bello dia de o beliscar n'um folhetim anonymo.

A resposta não se fez esperar, começando por desentocar do seu esconderijo o anonymo, e expôl-o, desaparapeitado, ao debate, perigo que o assustava. Como se previa, o alvejado acudiu immediatamente a repudiar a paternidade do escripto, que se lhe imputava, com tão insistentes protestos, que desviou por inteiro a discussão para este incidente.

Então saltou para o publico o engraçado processo que levára ao descobrimento da paternidade repudiada.

N'um folheto publicado com a competente assignatura, a pachorra analysta de Francisco Sarmiento desencantára um modo original de virgular, uniforme, constante e systematico, do signatario.

Achada esta chave do enigma, facil lhe era matar a respectiva Sphyngue quando se lhe atravessasse no caminho. Zás: compara periodo a periodo, a virgulação do folhetim com a do folheto, e não houve fugir-lhe: o anonymo de um e o signatario de outro eram, e não podiam deixar de ser, um e o mesmo.

Isto, condimentado com um invejavel humorismo, transformou em gargalhada o sonhado tiro ao calcanhar de Achilles. Tudo riu, menos o que se sumiu a scismar no *eureka* do seu segredo e concomitantemente na parecença da sua virgulação com o banho de Archimedes.

E, assim, morreu alegremente á nascença um episodio que promettia ao seu phantasioso auctor a immortalidade no Olympto da gazetilha.

*

Em 1872 rebentou aqui a guerra ao juiz de direito d'essa época, que — diga-se de passagem — embora não pudesse considerar-se uma distincção juridica, como inculcavam alguns dos seus parciaes, não era nem um incompetente nem, *quando em boa pax*, um mal intencionado; era simplesmente um nevropatha, que á mais ligeira contradicta não trepidava ante o despique com qualquer violencia. D'aqui os confli-

ctos que em diversas comarcas o affligiram com apreciações nem sempre justas, apesar de nascidas de resentimentos justissimos.

Vendo envolvidos n'um d'estes conflictos amigos seus, F. Sarmiento correu a auxiliar-os.

Sem me metter em apreciar a questão, naturalmente, aqui e alli, eivada dos senões de paixão, apenas, como ponta do dedo do luctador, extraio do periodico creado *ad hoc*, *A Justiça de Guimarães*, as linhas seguintes com que Sarmiento o encimou permanentemente:

« e ainda mal que tantos exemplos vêmos em que se cumpre ao pé da letra o que disse o outro:

« Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi — é o povo quem paga o delirio dos juizes. E vem a ser o que nós chamamos — justiça de Guimarães. » *Arte de furtao do Padre Antonio Vieira, cap. dos que furtao com unhas apressadas.*

Demasiado duras, como a irritação que as soprava, mas tão ajustadas na fórmula ao intento, que parecem expressamente escriptas para a occasião, estas palavras arrancadas ao pó secular dos classicos exemplificam o partido que Sarmiento sabia tirar da sua vasta erudição.

*

No meio d'estas contendias F. Sarmiento possuia o raro condão de ficar, por via de regra, em boas relações com os seus adversarios de occasião.

Visando mais á idéa do que ao individuo, deixava a personalidade coberta pela abstracção. Detestando a politica e por isso sem partido que o induzisse a aforar o branco em preto, podia illudir-se, e o seu recolhimento no gabinete muitas vezes o levava a apreciar os homens e as coisas á luz d'um doutrinarismo um pouco em divorcio com o mundo pratico; mas era sempre sincero. D'aqui, e de não exercer cargos publicos, onde por cada pretendente que se contenta se recrutam vinte despeitados, resultava-lhe não ter inimigos.

De todas estas excepcionaes circumstancias e predicados, realçados pelas suas qualidades intellectuaes, vinha-lhe o excepcional prestigio que manteve até entre os que sobre alguns assumptos, longe de seguirem a mesma orientação, se mostraram por vezes divergentes.

*

Nos ultimos vinte e cinco annos F. Sarmiento quasi se absorveu no estudo dos problemas archeologicos, que indefessamente esmerilhava, ora nas paginas dos livros, ora nas paginas da terra. A proficuidade das suas investigações, accusam-n'a dezenas de artigos avulsos e as obras de um pacientissimo trabalho, *Lusitanos*, *Argonautas* e *Ora Maritima*, onde sustenta algumas opiniões, que, apesar de discordantes das correntes, já conquistaram votos auctorizados. Mas discutir se a influencia celtica se fez, ou não, sentir em Portugal; se a legenda dos *Argonautas* symbolisa a primeira viagem phenicia, ou é uma criação poetica dos Gregos; se os primitivos viajantes ultrapassaram ou não o limite, honrado com o velho *non plus ultra*, etc., pertence aos especialistas da sciencia. A elles, só a elles, legou Sarmiento os fructos em que se lhe desentranhou o outomno da vida.

Eu venho, apenas, desfolhar-lhe sobre a sepultura algumas flôres, que conservo, da sua primavera. Se com isto correspondo mal ao honroso convite da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, a magoa do meu amor-proprío, abatido, ficará sobejamente compensada com a satisfação, bem mais valiosa, do coração, perante o qual rememorar o passado dos que nos foram caros é como resuscital-os durante gratissimos instantes.

Guimarães, 31 de janeiro de 1900.

Conde de Margaride.